

RECENSÕES

FONSECA, Maria Laura Pereira, *Culturas Juvenis, Percursos Femininos: Experiências e Subjectividades na Educação de Raparigas*, 2001, Oeiras: Celta, 211 páginas

Sobre «Culturas Juvenis, Percursos Femininos» de Laura Fonseca

Não vou neste texto ser exaustiva, peço ao Leitor que não o considere uma recensão, antes um apontamento impressionante sobre alguns aspectos relevantes que possam desocultar o tema e o seu tratamento, fundamentalmente no que diz respeito à compreensão dos sujeitos sobre os quais a investigação se debruça

«*Culturas Juvenis, Percursos Femininos*» insere-se na vasta temática sociológica sobre educação e cultura, abordando aqui um grupo determinado cujos traços especificantes são o género (feminino), a origem social, a faixa etária (15-21 anos) e o espaço no qual tem decorrido a sua vida - urbano, antigo, rico de tradições, complexo nas relações humanas e fundamentalmente pobre

A faixa etária seleccionada permitiu conhecer o modo como um grupo com estas características se insere nos dispositivos sociais de formação (família, bairro, cidade, escola) e como, detentor deste capital, transita para o mercado de trabalho e assume responsabilidades familiares. Estão em jogo aqui, por conseguinte, subjectividades mas, sobretudo e com marcas muito fortes, todo um conjunto de experiências que vêm gerar nesses sujeitos as visões do mundo, as expectativas de futuro, as vivências perante as oportunidades com que

deparam e a construção das próprias oportunidades

Segundo Laura Fonseca, deu-se «vez e voz» às experiências e subjectividades (de raparigas) nos diferentes espaços que atravessaram, interessando os seus pensamentos, projectos, desejos e aspirações para as vidas adultas futuras

A escolha de um grupo feminino dá a este trabalho também um traço marcante, que é o assumir do facto de que o género é um agente que determina a produção e reprodução de diferenças e desigualdades

Ao conhecer e dar a conhecer este grupo, tomamos contacto com as questões que formam e informam as suas vidas: questiona-se a Escola enquanto geradora de igualdade ou desigualdade de oportunidades de acesso e aprendizagem, questionam-se as políticas de urbanismo que determinam as relações entre a cidade e os seus habitantes, questionam-se as instituições responsáveis pelas mudanças de atitudes e pela resistência a essas mudanças, questionam-se conceitos e preconceitos que, à partida, vitimizam grupos sociais mais vulneráveis e resistentes aos valores de classe média e que tendem a encaixar tudo numa massa anónima, a tipificar grupos, negando a vitalidade e a potencialidade das experiências de cada um.

O trabalho tem o enorme mérito de mostrar que os estereótipos não têm correspondência linear aos cenários do real, mas pesam sobre

ele, marcando e afectando a vida privada e pública dos sujeitos sobre quem essas representações recaem

Ao mesmo tempo, o modo como a autora lidou com um grupo que é objecto de fortes constrangimentos - trabalhou aspectos de classe, tornou óbvias as profundas diferenças de experiência de trabalho e de vida entre a mulher trabalhadora de classe média e a de estratos mais desfavorecidos - dá a perceber ao leitor como é pertinente abordar a questão do género, como este, sobretudo em grupos mais desfavorecidos socialmente, determina as opções de vida pública e privada e como uma e outra são marcadas pela desigualdade no trabalho, diminuição nos tempos de lazer, sujeição a violência, etc, tipos particulares de efeitos dentro de uma totalidade social, com menção Connell

Com efeito, o destino das mulheres tem sido o resultado de uma combinação complexa e contraditória entre classe e género (etnia) e não é possível analisar um conceito sem ter em conta a expressividade do peso do outro

Ao falar de destino das mulheres não se está, obviamente, a falar de nada de perpétuo ou estático. E aqui surge um outro conceito central desta pesquisa: o de cultura, que vai problematizar a relação dialéctica entre os constrangimentos estruturais que operam sobre o grupo alvo de investigação e a autonomia relativa de todo o sujeito social e histórico. Às experiências sociais específicas, à forma como vivem, compreendem e interpretam o mundo, subjaz uma cultura feminina que se materializa no modo como o grupo se relaciona com a família, com o bairro, o lazer, os outros grupos juvenis (de outras classes, do outro género)

Esta pesquisa organiza, assim, em contexto científico, os percursos vividos e desejados e/ou esperados pelas jovens raparigas deste grupo social urbano residente ou oriundo da freguesia da Sé do Porto. Ao descortinar a complexidade das suas vidas, dá conta das dificuldades decorrentes do conhecimento científico disponível - nomeadamente sobre culturas juvenis e transição para estádios posteriores de maturidade de vida - conhecimento científico por vezes afectado por obstáculos ideológicos, visões parcelares e porventura masculinas

A investigação decorre da utilização de metodologias qualitativas, que facilitaram o esbatimento de barreiras e distanciamentos entre observador e observado. De facto, a Autora conseguiu dar visibilidade a aspectos que afectam a aplicação da igualdade de oportunidades e, nessa medida, produziu uma mais valia quer para o trabalho quer para o leitor - abriu pistas, caminhos para a concretização de soluções tendentes à reposição de justiça social

Para concluir, aquilo que mais me tocou numa leitura - encantada - foi o modo como pude problematizar para mim própria os lugares comuns que formatam o pensar com que deparamos no quotidiano, que enviezam as análises e principalmente prejudicam aqueles (aquelas, neste caso) sobre quem recaem as ditas análises - um grupo juvenil, cheio de vitalidade e confrontado com dificuldades e vulnerabilidades, num meio também ele difícil e vulnerável

A legitimidade de múltiplos tipos de família, as especificidades das redes de solidariedade de vizinhança e parentesco, as formas diversificadas como se vivem os espaços privado e público, dá-nos pistas para nos distanciarmos de todo um corpo conceptual norma-

lizador que afina pelos valores de classe média e que, com maior ou menor subtileza, deixa passar a mensagem de dependência e subordinação da mulher

Não obstante a valorização da inteligência social do grupo-alvo e do meio em que vive e de que é oriundo, outra mensagem fica:

- as filhas das classes trabalhadoras urbanas e suburbanas experimentam a escolarização de uma forma selectiva e discriminatória. Apesar dos propósitos expressos da não discriminação entre classes, sexos e etnias, sabemos que a discriminação existe e é produzida e reproduzida pelos actores sociais e pelo próprio sistema quando se revela incapaz de criar condições de igualdade de oportunidades

O insucesso e o abandono escolares acompanha, com elas, o sentimento de não pertença, de descontextualização da escola face às experiências pessoais. A conseqüente passagem desta realidade para a de uma profissionalidade de menor qualificação, acontece frequentemente

A emergência de culturas juvenis que aproximam as jovens de grupos e meios diver-

sificados é também analisada no contexto das culturas locais e das relações intergeracionais

Finalmente, não posso deixar de salientar o contributo deste trabalho para o conhecimento dos *women studies*, investigações que têm, sobretudo a partir dos anos 70, trazido esta problemática a debate

Mais relevante ainda, o contributo para gerar, implementar e manter a mudança em educação, formação profissional e emprego, por forma a atender às necessidades particulares das jovens das classes trabalhadoras

Profundamente envolvente em todo o documento o afecto, o respeito, a confiança entre entrevistadas e entrevistadora, a disponibilidade mútua, a reserva em relação a preconceitos, a subtileza com que se desvendam intimidades sem ferir o tecido fino das relações. O grupo-alvo, raparigas filhas e netas de mulheres sofridas, que batalham em condições adversas pelas vidas que geram, sente-se comprometido no próprio trajecto investigativo

Além disso, estamos perante uma escrita muito atraente esteticamente. Não deixem de ler a obra «*Culturas Juvenis, Percursos Femininos*», uma edição da Celta

Conceição Pinto da Rocha

Falar sobre um livro que apreciamos ler é já um exercício de reflexão sobre o próprio, ou pelo menos algumas partes dele. Uma reflexão que é sempre subjectiva e (neste caso concreto) eivada pelos diálogos que a proximidade com a autora tem proporcionado

Não farei uma apresentação de uma leitura transversal do livro, deixarei esse encargo para os e as leitoras

Já perceberam, trata-se exactamente de uma obra que aborda a problemática de género como construção social tomando pela mão os percursos femininos de um grupo de jovens raparigas «nadas e criadas na Sé»

Quando refiro «tomar pela mão», estou a referir-me ao método biográfico de que a autora fez uso para aceder epistemologicamente às subjectividades das experiências de vida narradas

As experiências são muito mais que narrativa e a vida muito mais que retalhos de experiências, e só um trabalho de pesquisa implicado permite «conhecer» as palavras que nunca se disseram, mas cujos sentidos estão sempre presentes nos diálogos sobre o vivido

Este é um dos muitos aspectos que eu retenho, não apenas pelo seu carácter heurístico mas também pela possibilidade de reflexividade que permitiu induzir nas próprias raparigas, assim resgatadas da mera condição de objecto de análise

É pela mão de Laura Fonseca, que somos conduzidos ao universo das culturas juvenis destas raparigas através dos seus relatos, deparando-nos com uma narrativa de vivências cujo realismo inquieta e interpela todos quanto pugnam pelo efectivo cumprimento do princípio da igualdade de oportunidades na coeducação

Neste sentido, a escola é vista como uma «arena onde, sob uma aparente homogeneização cultural, se constrói *activa* e naturalmente uma «ordem de género», na base dos mitos da igualdade formal e da liberdade individual» (Arnot, in Fonseca, 2001:103).

Esta ordem de género hegemónica opera, por vezes, de forma ofensiva em relação às raparigas, pois como refere Laura Fonseca «quase todas as raparigas consideravam que eram boas ou razoáveis alunas e abandonaram igualmente a escola, o que nos leva a colocar a hipótese de que não é apenas o insucesso que faz com que se abandone a escola» (Fonseca, 2001:124)

Através dos seus discursos, vemos como estas raparigas de classes trabalhadoras e pobres, são socializadas para o trabalho doméstico e a aceitação deste papel feminino, como se de algo natural se tratasse, embora se vis-

lumbrem resistências a esta «naturalização» socialmente construída e imposta, embora «não tomam como garantido que os rapazes não sejam educados sem fazer a sua parte. Apesar disso, também manifestam alguma aceitação relativamente à distribuição das responsabilidades domésticas () «O meu pai não ajuda. Também tem tantas mulheres em casa!» (Fonseca, 2001:78)

Contestar e aceitar. Resistir e subordinar-se.

Pode parecer contraditório, mas é nestas dialécticas dinâmicas que acontece a produção e reprodução cultural feminina

Vemos também como a autonomia em relação ao espaço e tarefas domésticas é alcançada quando entram na trabalho assalariado. Todavia, uma autonomia armadilhada, pois acabam por acumular as duas tarefas, conduzindo-as aquilo que se tem apelidado de «dupla jornada de trabalho»

Laura Fonseca mostra assim, como também na esfera do trabalho assalariado, estas raparigas são alvo fácil de uma certa ideologia da empregabilidade feminina que as remete para ocupações consideradas femininas.

A própria formação profissional aparece assim, por um lado, na orientação «prática» das jovens para aceitarem «qualquer» trabalho, mas preparando-as «ideologicamente» para um trabalho «tipicamente feminino», o que leva Laura Fonseca a conceber a «formação profissional na base de uma «ideologia de empregabilidade» *genderizada*» (Fonseca, 2001:143)

Todavia, embora tal cenário nos posso induzir numa primeira leitura a uma visão determinista das vidas destas jovens, Laura Fonseca oferece-nos um outro prisma de análise: apesar destas mensagens e condicionalismos,

estas raparigas parecem ter ganho alguma consciência desta situação e, por isso, manifestam uma atitude estratégica de aproveitar, em seu próprio benefício, as possibilidades que a formação profissional lhes possa dar. E disto é exemplo as palavras de uma das jovens:

«Ieresa: - Já podia estar no 3º ano (do curso de Técnicas Administrativas) Inscrevi-me no curso antes. Queria entrar, mas não consegui. Fiz os testes e depois perguntaram-me: - “além daquele curso o que queria” E eu disse, que o que gostava mesmo era de ser mulher-pólicia. E já não me deram vaga no curso. No ano a seguir tive que me inscrever novamente e já não disse nada! E prontos, dis-

seram logo que não tinha vaga no curso de Técnicas Administrativas. Agora já não disse nada e entrei. Já que não posso ser mulher-pólicia, o que queria era contabilidade. E vou tirar, quando acabar este curso» (Fonseca,2001:146)

O que está em questão ao longo do livro, é a possibilidade de «agência humana» num contexto sócio-cultural fortemente estruturado e estruturante.

De facto, Laura Fonseca, neste seu livro, situa-se num quadro que procura romper com o determinismo social de certas visões estruturalistas, afirmando o postulado da Acção Humana e da Produção Cultural.

Paula Sousa